



AGORA
ESSE
É O NOSSO
MUNDO

ERIK J. BROWN

ERIK J. BROWN

AGORA
ESSE
É O NOSSO
MUNDO

TRADUÇÃO

FERNANDO SILVA

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023
All that's left in the world Copyright 2022 by Erik J. Brown
First published by Balzer + Bray an imprint of HarperCollins Publishers.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Tradução **FERNANDO SILVA**
Preparação **JOÃO PEDROSO**
Revisão **CRIS NEGRÃO** e **THAÍS ENTRIEL**
Ilustração de capa **NATALIE KIM**
Ilustração de miolo ©**FREEPIK**
Capa e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Brown, Erik J.
Agora esse é o nosso mundo / Erik J. Brown ; tradução de Fernando Silva. -- São
Paulo : Faro Editorial, 2023.
256 p. : il

ISBN 978-65-5957-258-8
Título original: All that's left in the world

1. Ficção norte-americana 2. Homossexualidade 3. Título II. Silva, Fernando

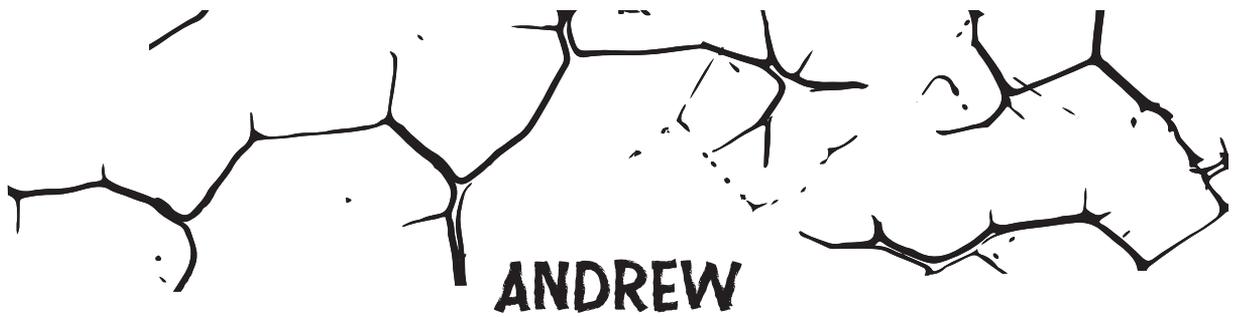
22-6745

CDD 813

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
I. FICÇÃO NORTE-AMERICANA



1ª edição brasileira: 2023
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL.
Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br



ESPERO QUE EXISTA UM PEQUENO cinema no além, onde seja possível se sentar em silêncio para assistir, com uma trilha sonora melancólica, à sequência de eventos que levaram aos momentos decisivos da vida. Tomando meu caso como exemplo: uma possibilidade remota após a descoberta do paciente zero, o primeiro pássaro que pegou o vírus e depois pula a pandemia e todas as coisas — tipo minha família e meus amigos morrendo—, e se concentra num sobrevivente maluco na floresta, montando uma armadilha para ursos, onze meses atrás.

O tempo passa, ursos caminham perto da armadilha, um galho grosso desaba sobre ela — e de alguma forma, não a aciona —, folhas caem, cobrindo-a.

E então, enquanto estou sentado lá, no além, comendo jujubas e pipoca com manteiga, pensando comigo mesmo *aonde é que isso vai dar?*, aí o idiota aqui perambula pela tela e pisa na armadilha.

Ah, isso mesmo.

Lembro que passei quase três horas gritando e chorando, tentando descobrir uma maneira de abrir a armadilha. Finalmente, acabei amarrando algumas camisetas que havia na minha mochila nas travas de metal e usei o galho — aquele que impedia que a armadilha decepasse minha perna — para abrir as mandíbulas enferrujadas.

Agora, estou apenas pulando pela floresta, com uma camiseta amarela amarrada na perna ferida. Pelo menos, ao assistir a isso na vida após a morte, vou estar comendo pipoca.

Ao contrário desse momento, em que tudo o que tenho é a comida enlatada que peguei em Nova Jersey antes de ter tido a ideia estúpida de sair das estradas principais.

Estremecendo, mudo meu peso na muleta debaixo do meu braço. Na real, é só um galho de árvore comprido que encontrei. Ontem à noite, enrolei um suéter em volta da forquilha em forma de Y para acolchoá-la, mas não está funcionando. Agora, parece que tem um hematoma enorme na minha axila.

A dor na minha perna é pior. Cada passo que dou com a perna boa causa uma distensão na perna machucada e faz minha panturrilha queimar. Tentei descansar durante a noite, depois que encontrei o galho-muleta, tremendo com o frio úmido que deixou minha perna dormente. Cochilei algumas vezes, meio que esperando morrer assim, mas despertei logo que o sol nasceu.

Agora, aqui estou eu, mancando pela floresta, sem absolutamente nenhuma ideia de onde fica a estrada mais próxima. Só espero que, se continuar andando em linha reta, isso me leve a *algum lugar*. Uma estrada, uma cidade, um riacho para limpar minhas feridas. Qualquer coisa, antes que a infecção se instale. E é claro que agora estou atento a mais armadilhas para ursos, então isso também me deixa mais lento.

Por causa das nuvens, não tenho ideia de que horas são quando tropeço em uma cabana. É bonitinha. Modesta. Pelo que posso dizer do lado de fora, talvez tenha dois quartos. Há uma pequena varanda com duas cadeiras sob uma ampla janela. As cortinas estão fechadas, e a entrada está coberta por folhas, que se empilham nos degraus da escada.

Não há carros na garagem. Talvez esteja vazia. Abandonada. O proprietário pode estar morto em seu apartamento em uma cidade qualquer. Ou em uma vala comunitária.

Ou pode ter sido morto a tiros na beira da estrada, por outro sobrevivente.

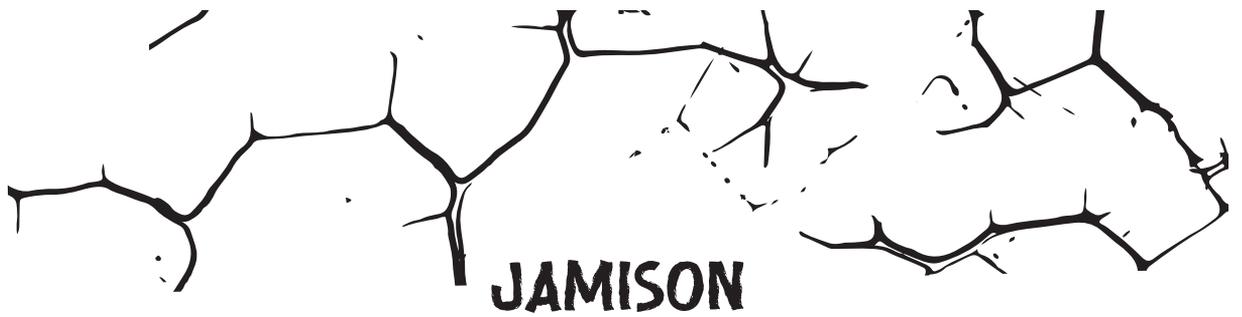
Dou alguns passos hesitantes. Não parece que alguém tenha ocupado esse lugar recentemente. No pé da escada, há uma estátua de fêmea de gnomo de jardim pequena e robusta, com uma ovelha fofa no colo. Ela está sentada em um cogumelo, sorrindo para a entrada, como se estivesse esperando por alguém.

Meio assustador.

Ainda mais porque as folhas não a estão cobrindo. Como se ela mesma tivesse acabado de sacudi-las sozinha.

Porém, não penso muito nisso — gnomos de jardim, que ganham vida quando não há ninguém olhando, são o menor dos meus problemas. Há quatro degraus até a varanda da frente. Talvez eu consiga subir para ver se a porta está destrancada.

Claro que não está, seria perfeito demais. Uma bela cabana aberta e livre para ser tomada? Talvez até com algo para comer. Deixo minha mente fantasiar com comida por um tempinho, como um presente. Depois, caminho até os degraus.



A CASA ESTÁ SILENCIOSA DEMAIS. EU DEVERIA ter colocado uma música, algo para me distrair desse silêncio absoluto. No entanto, agora não posso parar para colocar um disco.

Dezessete. É a quantidade de latas de feijão preto que me resta. Anoto no bloco amarelo no meu joelho e risco o número dezenove, que constava na semana passada. Faço isso toda segunda-feira pela manhã: conto a comida que tenho e vejo os números diminuírem, lentamente. Foi enlouquecedor no começo, mas agora é quase terapêutico.

Oito latas de milho. Risco o número nove e escrevo o novo número à direita. Em mais ou menos duas semanas não vai haver mais espaço na folha, e aí vou precisar iniciar uma nova. E desta vez tudo terá minha caligrafia, não a da minha mãe.

Molho de macarrão. Está escrito em seu rabisco quase indecifrável. E depois seus números perfeitos — zeros cortados e setes com uma linha no meio, para não correr o risco de um mal-entendido —, antes que sua escrita seja interrompida, e a minha a substitua.

Não preciso contar os potes de molho de macarrão, porque não fiz macarrão na semana passada. Por isso, deixo o número onze lá e continuo descendo.

No entanto, algo me detém. Um som do lado de fora, como o de folhas sendo pisadas.

Levanto em um pulo e olho pela janela da cozinha. O mundo lá fora é cinzento e frio, enquanto o fogão a lenha atrás de mim mantém a cozinha agradável e quente. O deck nos fundos da casa está coberto de folhas, mas não há animais ou pessoas à vista. As árvores ainda estão nuas, e os botões da primavera ainda não estão prontos para desabrochar do inverno rigoroso.

— Você está ouvindo coisas de novo — digo ao silêncio da cozinha.

Falo muito comigo mesmo hoje em dia. Algo que costumava me fazer pensar que estava ficando louco, mas agora pode ser a única coisa que *me impede* de ficar louco.

Na semana passada, eu podia jurar que ouvi alguém andando pelo caminho de cascalho. Entretanto, quando me empolguei para olhar, não havia ninguém lá.

Só de pensar no som do cascalho já o ouço em minha mente, desta vez, sem sombra de dúvidas, vindo da frente da casa. Só que não é real — estou

inventando de novo. Talvez seja um animal, mas é um farfalhar muito alto para ser o de um esquilo ou uma raposa.

Normalmente, basta lembrar rápido que, sim, estou sozinho, e não, não há ninguém aqui, para que o barulho desapareça, mas não desta vez. O som é estranho. Não há um padrão de passos; em vez disso, é uma trituração desigual de cascalho e um clique curto e silencioso.

Em seguida, o primeiro degrau na varanda da frente range.

Meu coração salta, e o suor se acumula em minha nuca. Prendo a respiração, e meu corpo queima de medo, mas não consigo me mexer. Há um grunhido e um baque do lado de fora. O segundo degrau.

Definitivamente tem uma pessoa lá fora.

Finalmente, me liberto da paralisia e corro para a sala. Não tenho ideia de quando foi a última vez que saí pela porta da frente; provavelmente algumas semanas atrás. Antes de ouvir os barulhos pela última vez.

Do lado de fora há outro baque quando quem está lá chega ao terceiro degrau, ruidosamente. O rifle está encostado na parede, ao lado do armário de casacos próximo à porta da frente. Pego-o, e me encosto à parede, diante da porta. Ele pode nem estar carregado, mas não tenho tempo para verificar. *Deve* estar. Afinal, eu não o usei.

A porta da frente.

Merda.

Não faço ideia se está trancada ou se isso importaria. Talvez essa batida alta seja um aríete ou algo assim.

Não é coisa da minha cabeça. Não sou eu inventando coisas por causa das sombras e do silêncio.

A maçaneta gira. Não está trancada.

Há alguém lá fora, e agora essa pessoa está entrando aqui.

A porta se abre, e eu miro.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2023